

**A CONTRIBUIÇÃO DOS PAIS NO DESENVOLVIMENTO COMPORTAMENTAL  
DA CRIANÇA COM AUTISMO: SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO  
COMPORTAMENTO APLICADA**

**THE CONTRIBUTION OF PARENTS IN THE BEHAVIOR DEVELOPMENT OF  
CHILDREN WITH AUTISM: FROM THE PERSPECTIVE OF APPLIED  
BEHAVIOR ANALYSIS**

Artigo acadêmico elaborado sob supervisão de:

Ms. Rafaella Corrêa

Ms. Cristiane Lima

Prof<sup>a</sup> Ms. Débora Alessandra de Souza

Prof<sup>a</sup> Dra. Luara Carvalho

Acadêmicos de Psicologia:  
Gabrielly De Oliveira Soares

**RESUMO**

Autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento passível de identificação antes dos três anos de idade e apresenta principalmente atrasos na comunicação e na interação social. Além da contribuição dos profissionais especializados em diagnosticar e tratar o autismo, os pais têm um papel primordial em seu desenvolvimento. Desse modo, o presente artigo, objetiva avaliar a importância dessa participação como co-terapeutas de seus filhos para alcançar um melhor desenvolvimento cognitivo, social e principalmente comportamental, a partir do suporte da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) como ciência de maior comprovação científica a este tratamento. Alcançando assim, a necessidade individual de cada criança para refletir nos variados contextos por ela vivido. Para tanto, foi realizado uma revisão sistemática, com levantamento bibliográfico de artigos de bases de dados eletrônicos, como Pepsic, Google Acadêmico, Centro Universitário Tiradentes, UNICAMP, Estudos IAT, Revista Facene e Perspectivas em Psicologia, publicados a partir do ano de 2011, livros, cartilha, dissertação, manuais de treinamento da ABA e os principais manuais de classificação e diagnóstico para a análise e estudo. Os resultados indicam como pontos negativos o elevado investimento financeiro e a dependência de muitas crianças aos pais, dificultando o acesso da generalização do comportamento aprendido, quando não é

bem orientado pelos terapeutas. E, como pontos positivos, a afetividade que envolve a família como facilitadora do processo de aprendizagem e o suporte dos terapeutas, especialistas em ABA, aos pais, ensinando as devidas ferramentas que estimulam o desenvolvimento comportamental infantil.

**Palavras-chave:** Autismo. Família. Comportamento. Desenvolvimento. Aprendizagem.

### **ABSTRACT**

Autism is an identifiable neurodevelopmental disorder before the age of three and mainly presents delays in communication and social interaction. In addition to the contribution of professionals specialized in diagnosing and treating autism, parents play a key role in their development. Thus, this article aims to evaluate the importance of this participation as co-therapists of their children to achieve a better cognitive, social and mainly behavioral development, based on the support of the Applied Behavior Analysis (ABA) as a science of greater scientific proof to this treatment. Achieving the individual need of each children to reflect on the various contexts experienced by them. For this, a systematic review was carried out, with bibliographic survey of articles from electronic databases, such as Pepsic, Google Scholar, Tiradentes University Center, UNICAMP, IAT Studies, Facene Magazine and Perspectives in Psychology, published from 2011, books, booklet, dissertation, ABA training manuals and the main classification and diagnostic manuals for analysis and study. The results indicate as negative points the high financial investment and dependence of many children on parents, hindering the access of the generalization of learned behavior, when it is not well guided by therapists. And, as positive points, the affection that involves the family as a facilitator of the learning process and the support of therapists, specialists in ABA, to parents, teaching the appropriate tools that stimulate child behavioral development.

**Keywords:** Autism. Family. Behaviour. Development. Apprenticeship.

## INTRODUÇÃO

O ser humano é um agente ativo de sua própria história, porém por si só é inviável conduzi-la, afinal, o comportamento humano recebe grandes influências genéticas e ambientais. Tal contexto em que o indivíduo está inserido manifesta diversos estímulos que antecedem seu comportamento, afetando diretamente a consequência da resposta que ele produz e, assim, alterando o ambiente (Baum, 2006; Moreira & Medeiros, 2019).

Desse modo, a medida que o indivíduo controla o meio, por ele também é controlado; e assim a sociedade vai se moldando, criando contingências de padronização. No entanto, é possível mudar as condições em que ocorrem esse controle ao alterar esses estímulos antecedentes ou ao inserir reforços positivos que fortalecem o comportamento observado e a mente humana. A partir daí, diminui-se as oposições sobre as demandas das instituições sociais e modela-se os comportamentos (Duarte et al., 2018; Skinner, 1974).

A primeira dessas intuições supracitadas com fundamental poder modelador é a família. Ela estabelece sua própria cultura, ou seja, seus costumes, regras, valores, crenças, sua própria forma de comunicação. Uma cultura bem definida controla o comportamento de seus membros (Skinner, 1974). Tal maneira de comunicar tem seu início na primeira infância (do nascimento aos 3 anos). Essa habilidade é adquirida a partir da percepção do meio em que a criança está inserida com os pais. Entre a mãe e uma criança, a partir da troca linguística, há um apego emocional compartilhado (Papalia & Feldman, 2011).

A afetividade, dessa forma, é fundamental para auxiliar o processo de aprendizagem. E não há pessoas mais capacitadas para praticá-la do que os próprios pais. No que se refere a crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) tais responsáveis quando bem-informados e capacitados, podem identificar e manejar desde cedo alterações ou ausências de comportamento em seus filhos e fomentar habilidades de comunicação. Tal conhecimento auxilia até mesmo nas relações familiares, pois muitos pais adquirem um stress significativo por muitas vezes não saberem lidar com seus filhos (Duarte et al., 2018; Pereira, 2011).

Para esclarecer melhor a cerca do TEA, é preciso entender que o termo “autismo”, foi utilizado pela primeira vez, em 1911, pelo psiquiatra suíço, Euger

Bleuler. De origem grega, “autos” significa “voltar-se para si mesmo” e inicialmente foi utilizado para se referir a um dos 4 critérios de diagnóstico da esquizofrenia em que o indivíduo apresentava duas características excepcionais: a dificuldade de comunicação e a tendência ao isolamento. Com o decorrer do tempo e dos estudos, além dessas características sociais, incluiu-se alguns padrões comportamentais específicos ao TEA. Embora, no momento presente, não diga respeito a esquizofrenia, nem a psicose infantil (como era considerada no final de 1960, pelo CID-9), mas a um transtorno do neurodesenvolvimento (Cordeiro et al., 2018; Pereira, 2011).

De acordo com o CID-10 (Classificação Internacional de Doenças) e o DSM-V (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), as características essenciais do Transtorno do Espectro Autista (F84.0) são: prejuízos na comunicação e interação social, como já mencionado, e comportamentos específicos como um repertório restrito e repetitivo de atividades, interesses e comportamentos. As manifestações do transtorno variam em intensidade e frequência, dependendo do nível de desenvolvimento e idade cronológica do indivíduo.

Por isso, faz-se necessário um tratamento adequado para essas crianças serem devidamente desenvolvidas em seus atrasos. Para tal suporte, evidencia-se nesse estudo a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), um termo advindo do campo científico do Behaviorismo, que visa, de maneira objetiva, observar, mensurar e explicar a associação entre o ambiente ou questões sociais, o comportamento humano e a aprendizagem (Cordeiro et al., 2018; Sella & Ribeiro, 2018).

A partir dessa análise, Gonçalves (2017) salienta a necessidade de implementar um plano de ação individualizado para modificar comportamentos indesejados e fomentar a partir do reforço positivo o comportamento socialmente aceito para potencializar o desenvolvimento da criança e promover novas habilidades a partir de conhecimentos prévios já adquiridos por ela (Ferreira et al., 2016).

Desse modo, a seguinte questão é levantada nesse artigo: Os pais de crianças autistas contribuem ao desenvolvimento de seus filhos? Se sim, como? A partir daí, tendo em vista a eficácia da ABA como ciência e com maior comprovação no tratamento de crianças com o TEA, objetiva-se com esse estudo avaliar a importância da participação dos pais como co-terapeutas de seus filhos para alcançar um melhor desenvolvimento cognitivo, social e principalmente

comportamental. Além disso, busca-se descrever as necessidades individuais de cada criança para promover programas da ABA que as alcancem. E, oferecer aos pais informações e ferramentas de intervenção ao tratamento dos filhos em contextos variados como, por exemplo, o social, educacional e familiar.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **A importância da família no desenvolvimento da criança com autismo**

Papalia e Feldman (2013) trazem no livro “Desenvolvimento Humano”, que, o processo de crescimento do indivíduo transita do período da infância a vida adulta tardia (dos 65 anos em diante). Porém, o enfoque deste trabalho estará majoritariamente na infância por se tratar da fase em que já é possível identificar sintomas do autismo, objeto principal do artigo. Mas antes, faz-se necessário investigar, como o processo de desenvolvimento se dá como um todo, nesse ínterim.

Ainda sobre os apontamentos de Papalia e Feldman (2013), os cientistas do desenvolvimento englobam três principais aspectos norteadores do eu: o físico (considerado o ciclo mais acelerado da vida) que abrange desde o crescimento do corpo e do cérebro às aptidões motoras e sensoriais; o cognitivo, que permeia o pensamento, atenção, memória, aprendizagem e linguagem; e, por fim, o aspecto psicossocial, responsável pelas emoções, personalidade e relações sociais (Correa et al., 2018).

Dentre tais aspectos envolvidos no decorrer do desenvolvimento do indivíduo, é necessário salientar primeiramente, a cognição e o processo de aprendizagem. O psicólogo norte-americano Albert Bandura, complementa sobre isso em sua teoria da aprendizagem social cognitiva. E, afirmou que o comportamento social é aprendido a partir da observação e imitação de modelos (definido como aprendizagem observacional ou modelamento), como os pais e os professores por exemplo. Embora o novo conhecimento vicário ocorra independente da reprodução do comportamento, é a partir do ato de imitar que a criança desenvolve a linguagem, o senso de moral e habilidades de socialização e interação. (Gomes & Silveira, 2016; Papalia & Feldman, 2013).

Além disso, é possível adentrar ao terceiro domínio do eu supracitado: o aspecto psicossocial. Desde o período pré-natal (da concepção ao nascimento), o

feto responde à voz da mãe e desenvolve preferência por ela. Conforme vai se desenvolvendo, após o nascimento, a criança é inserida socialmente a partir da primeira instituição que se encontra: a família. Ela pode fornecer um ambiente oportuno para seu desenvolvimento desde os primeiros anos de vida ao fomentar nesse contexto habilidades que possibilitem maior interação com o mundo. (Correa et al., 2018; Pereira, 2011).

Ao explorar a importância desse contexto familiar, Cyelle Pereira (2011, p. 5), especialista em psicopedagogia institucional e clínica, afirma: “Pais de autistas veem desde cedo alterações ou ausências de comportamento em seus filhos que nenhum profissional enxergaria em poucos minutos de contato”. Por isso, faz-se necessário capacitá-los para após identificar tais variáveis, eles consigam lidar com suas limitações e, assim, participarem de maneira ativa do tratamento em casa, ultrapassando os limites dos consultórios. Nesse ambiente, é possível estimulá-los através das chamadas Atividades de Vida Diária (AVD), como tomar banho, guardar os brinquedos e calçar os sapatos, por exemplo. São atitudes simples, mas que auxiliam na evolução do quadro de autismo e na integração deste em outros contextos sociais, como o escolar (Duarte et al., 2018).

De acordo com o médico e psicólogo francês Henri Wallon (1879-1962), tais aprendizados são mais eficazes quando o ensinamento engloba a afetividade, pois promove um ambiente seguro e estimula a socialização ao evitar bloqueios afetivos e cognitivos. É exatamente essa uma das principais necessidades da criança com TEA e não há pessoas mais capacitadas para colocá-la em prática do que os próprios pais (Gonçalves, 2017; Santos et al., 2016).

Somando-se ao fator emocional, é necessário embasamento teórico para auxiliar no tratamento do Transtorno do Espectro Autista. Por isso, a dissertação de mestrado da psicóloga Priscila Gonçalves (2017) relata sobre a eficácia da Análise do Comportamento Aplicada (ABA) na intervenção desse transtorno, pois realmente tem permitido o desenvolvimento de habilidades comunicativas e sociais, a redução de excessos comportamentais e a gestão de problemas. Os fatores mencionados para o sucesso do ensino são compostos pela intensidade do tempo de aplicação, variando entre 25 e 40 horas semanais, pelo período de duração das terapias (no mínimo 2 anos) e pela intervenção precoce, ou seja, antes dos 4 anos de idade. Porém, a prática dessa ciência está relacionada a fatores que ainda precisam de estudos com outras alternativas de acesso, tendo em vista o alto custo financeiro à

muitas famílias, bem como maior necessidade de profissionais especializados em contextos clínico e educacional (Duarte et al., 2018; Ferreira et al., 2016).

### **A ABA enquanto ferramenta facilitadora para a família**

A partir da adesão do tratamento, com tais condições colocadas em prática, a ABA traz algumas ferramentas para nortear inicialmente o olhar do cuidador e do terapeuta sobre o comportamento externalizado pelo indivíduo, como chorar, falar ou brincar, por exemplo e sobre o internalizado também, conhecido como evento privado ao ser ou comportamento encoberto. Este último se refere ao pensar, sentir e imaginar. Identificá-los através da fala e das ações é fundamental, principalmente para a pessoa com TEA, que possui dificuldade de comunicá-las, gerando grande sofrimento ou até comportamentos disruptivos, como a agressividade por exemplo (Ferreira, 2016; Lear, 2004).

Variadas são as ferramentas descritas pela ABA, porém nesse trabalho só serão enfatizadas o ABC do Behaviorismo, reforçamento, extinção e o currículo de habilidades básicas. No ABC do Behaviorismo, A é o antecedente, aquilo que acontece antes do comportamento, o comportamento (B=Behavior) é a resposta, a reação ao antecedente e a consequência (C) é o que ocorre logo após a este, podendo ser neutra, positiva ou negativa. O tipo de consequência é o que determinará a repetição do comportamento no futuro. Por isso, é preciso coletar dados desencadeadores dos déficits comportamentais, para só então trocar suas condições ou consequências e enfim conseguir modifica-lo. Esse conhecimento é de suma importância ensinar aos pais, para que eles entendam que determinada atitude, disruptiva ou não, não ocorre do nada, teve um início e após ser identificado a causa, é possível entender e intervir da melhor maneira em seu filho (Lear, 2004; Moreira & Medeiros, 2019).

Para explicar melhor esse contexto que circunda o comportamento, o psicólogo behaviorista B. F. Skinner descreve sobre o Condicionamento Operante. Ele afirma que um comportamento seguido por um estímulo reforçador gera uma maior ou menor possibilidade de adquirir uma nova atitude prática no futuro. Ou seja, à medida em que se vive sua própria história, ocorrem situações que irão incentivar atitudes socialmente aceitas e saudáveis e substituir as inadequadas e disfuncionais (Baum, 2006; Skinner, 1974).

Lear (2004), descreve dois tipos de reforçadores capazes de fomentar o aprendizado de um comportamento adequado: o primário, é o que precisamos para viver (ar, água e comida) e o secundário, também identificado como reforço arbitrário, e é inserido de acordo com o interesse do indivíduo. São eles: os tangíveis, como os brinquedos e livros; os comestíveis, como doces e guloseimas; passeios e jogos, que são as atividades; os físicos, caracterizados por cócegas e abraço e os sociais, que são os elogios e aplausos por exemplo (Borba & Barros, 2018).

Ana Carolina Sella e Daniela Mendonça Ribeiro (2018), organizadoras do livro *Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista*, afirmam que é possível identificar reforçadores mais potentes, quando os itens apresentados pelos terapeutas e escolhidos pela criança (chamado de método de avaliação direta) também são indicados por pais ou cuidadores durante a realização de entrevistas ou o preenchimento de checklists (avaliação indireta). Isso porque eles são parte do dia a dia da criança e esse conhecimento do que é motivador a ela pode auxiliar muito nas sessões terapêuticas, em casa, na escola e nos variados ambientes frequentados pela criança. Entretanto, a família e os terapeutas precisam estar atentos para não exporem tão excessivamente a criança a estes estímulos, a ponto de a saciarem, perderem seu efeito motivador ou tornar a criança dependente deles (Duarte et al., 2018).

Para elucidar a importância dos pais na avaliação dos reforçadores, o estudo de Marilu M. C. Borba e Romariz S. Barros (2018), exemplifica o reforço social da seguinte maneira: um filho que gosta de receber elogios na companhia de outros o recebe por estar brincando e interagindo de maneira saudável, tende a repetir com frequência essa ação. Quando se trata de uma criança tímida, o elogio público pode gerar desconforto e diminuição daquela atitude tão importante para o desenvolvimento de habilidades sociais. Por isso, é preciso conhecer o perfil de cada uma, para que a consequência seja reforçadora dos comportamentos adequados.

O mesmo estudo supracitado relata que, nessas situações muitas famílias consideram estar “comprando” o comportamento positivo de seu filho e acabam evitando fazer uso dessa técnica. Porém, para que a própria criança entenda e identifique que sua atitude está correta, é necessário a compreensão da família de que esta é a melhor maneira de ensiná-la fazendo uso do concreto. Conforme ela



vai aprendendo a habilidade de abstrair e internalizando o aprendizado, começa a utilizar o reforçamento natural, ou seja, começa a descobrir que suas próprias ações sejam por si só motivadoras para se manter engajada naquela ação socialmente aceita (Sella & Ribeiro, 2018).

Além disso, vale ressaltar que a eficácia desse reforço arbitrário é mais evidente em crianças com algum atraso no desenvolvimento, já que, para as típicas, um reforço natural do comportamento pode não ter o mesmo valor reforçador. Por exemplo, o contato visual com outra pessoa possui um efeito muito grande para as crianças com desenvolvimento típico. Porém, para crianças com autismo, pode ser aversivo e, em muitos casos, evitado por não identificarem a atenção no olhar do outro. É necessário, portanto, intervir neste comportamento para que aumente sua frequência e se torne algo mais natural e reforçador a ela (Borba & Barros, 2018). Uma das formas de intervir é utilizando a ajuda verbal “olhe para mim” ou colocando algum objeto reforçador para a criança na altura dos olhos de modo a chamar sua atenção, até ir diminuindo esse suporte e ser um comportamento menos aversivo a ela (Lear, 2004).

Além do reforçamento, o estudo trazido por Medeiros (2021), traz a extinção como outra técnica da ABA eficaz no auxílio da substituição de comportamentos inadequados, de modo que não a expõe, nem a terceiros ao risco. Ela consiste em reduzir copiosamente o reforço que mantém determinada atitude, podendo ser algo material e/ou arbitrário, uma aprovação ou atenção. De acordo com Borba e Barros (2018), a busca por atenção pode levar a criança a desenvolver um comportamento disruptivo a partir de uma birra por exemplo e a melhor maneira de reduzi-la é ignorando tal ação como se não estivesse acontecendo. Os pais só propiciam esse contato novamente a partir da diminuição e substituição dessa atitude por outra apropriada. A partir do momento que se desiste da extinção e cede ao ato inadequado, concomitantemente a criança aprende que quanto mais alto for o grito maior a probabilidade de se conseguir o que deseja.

Para que a aprendizagem ocorra satisfatoriamente, em qualquer contexto experienciado pela criança, faz-se necessário respeitar o andamento de seus processos e propiciá-la um ambiente saudável. Partindo desse princípio, é preciso que haja um ensino estruturado objetivo, claro, individualizado e que mobilize a criação de novos repertórios. A estruturação se dará em 4 fases:

A primeira é a fase da avaliação do comportamento; a segunda é

de escolha das metas e objetivos, já a terceira é a etapa de desenvolver os programas de tratamento, especificando quais comportamentos serão ensinados e qual o indivíduo já sabe, para que durante o programa, o profissional observe seu progresso, e a quarta corresponde à realização da intervenção em si (Cordeiro, Rocha & Anadão, 2020, p. 8).

Todos os passos a cima mencionados são adaptados a necessidade individual de cada um e tem o objetivo de alcançar, de maneira coordenada e planejada em curto, médio e longo prazo, inúmeras áreas do desenvolvimento afetadas pelo transtorno do espectro autista, principalmente a comportamental. Para isso, é utilizado o Currículo de Habilidades Básicas, que irá administrar o ensino de inúmeras habilidades ao mesmo tempo. Ele é dividido em 5 áreas, compostas por programas de ensino de habilidades variadas, são elas: “habilidades de atenção; de imitação; de linguagem receptiva; de linguagem expressiva; e as habilidades pré-acadêmicas” (Cordeiro et al., 2020; Gomes & Silveira, 2016).

Em média seis meses após a conclusão de cada programa, eles passam pelo que é chamado de “protocolo de manutenção”, em que a criança consegue rever as habilidades aprendidas em ambientes naturais a ela, para que esta generalize, não esqueça e nem limite o ensinamento recebido apenas a quem ensinou num único local de intervenção. Por citar a generalização como forma de identificar real aprendizado, é preciso retomar ao papel dos pais nesse processo e o cuidado necessário para que eles não sejam uma influência negativa aos seus filhos nesse sentido (podendo limitar o alcance dessa pesquisa). Isso pode se dar porque muitos são dependentes de seus pais e podem ter dificuldades de reproduzirem o que aprenderam com terapeutas, professores e outros, além de também pode afetar sua autonomia e independência. Por isso, para que haja um resultado positivo, é preciso orientar a família que esse afeto e interação social entre eles precisa ser útil, não para tornar a criança codependente deles, mas para promover ganhos significativos que estimulem a cognição a partir da afetividade. A partir dessa relação saudável, é possível alcançar a generalização de novos comportamentos e habilidades aprendidas (Cordeiro et al., 2020; Duarte et al., 2018).

Por isso, é importante o manejo do terapeuta na orientação e capacitação dos pais, para que esta primeira instituição que a criança tem contato na maior parte do tempo, consiga persistir no processo de modelação comportamental de seu filho, a fim de fomentarem e contribuírem para o campo psicológico, em conjunto com

terapeutas da ABA, seu desenvolvimento comportamental (Lear, 2004) Afinal, com o devido tratamento a uma criança autista, teremos um adulto com menos prejuízos e conflitos na comunicação, cognição, no comportamento e em suas relações sociais (Cordeiro, Rocha & Anadão, 2020).

## **METODOLOGIA**

O presente estudo trata-se de uma revisão sistemática, com análise descritiva da importância dos pais e terapeutas no tratamento da criança com TEA, a partir da intervenção da ABA. Para tal, foi realizado um levantamento bibliográfico de artigos de bases de dados eletrônicos, como Pepsic, Centro Universitário Tiradentes, UNICAMP, Estudos IAT, Revista Facene e Perspectivas em Psicologia, publicados a partir do ano de 2011, livros, cartilha, dissertação de mestrado, manuais de treinamento da ABA e os principais manuais de classificação e diagnóstico para a análise e estudo (CID 10 e DSM-V).

Como estratégia de busca, foram empregadas frases no Google Acadêmico, que combinavam palavras entre autismo, família, vínculo, desenvolvimento, aprendizagem e análise do comportamento aplicada. A seleção dos textos encontrados ocorreram a partir da análise dos títulos seguidos pela leitura dos resumos e os que correspondiam com o objetivo desse trabalho. Os livros que compõe o estudo foram identificados a partir da indicação de supervisores clínicos especialistas em ABA e lido apenas os capítulos que contrinuiam para embasar esta revisão bibliográfica.

## **RESULTADO**

A presente pesquisa teve por objetivo avaliar a importância da participação dos pais como co-terapeutas de seus filhos para alcançar um melhor desenvolvimento cognitivo, social e principalmente comportamental, a partir do suporte da Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Para tanto, a Tabela 1 representa o resultado dos artigos e da dissertação de mestrado selecionados para estudo e a Tabela 2, referencia o conteúdo encontrado em capítulos de livros e

manuais de treinamento da ABA que compõe o referencial bibliográfico desse artigo.

Tabela 1

*Resultado dos artigos e da dissertação de mestrado*

| <b>Publicação</b>                                                                                   | <b>Autor/Ano</b>       | <b>Resultado</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Análise do comportamento aplicada e sua importância no treinamento de pais de crianças com TEA.     | Cordeiro et al., 2018. | A ABA é uma ciência que contribui de forma significativa para o Treinamento de Pais, possibilitando que os mesmos façam parte de forma ativa do processo de evolução do desenvolvimento de seu filho, tornando-o menos doloroso.                                                                                                          |
| Família como promotora do desenvolvimento de crianças que apresentam atrasos.                       | Correa et al., 2018.   | O desenvolvimento infantil está intrinsecamente relacionado com a qualidade encontrada no ambiente familiar.                                                                                                                                                                                                                              |
| Ensino de aplicação de tentativas discretas a cuidadores de crianças diagnosticadas com autismo.    | Ferreira et al., 2016. | O treino, baseado em instruções, modelação, <i>feedback</i> e ensaios, é eficaz para ensinar cuidadores a implementarem este tipo de ensino a seus filhos.                                                                                                                                                                                |
| <i>Transtorno do Espectro Autista: Protocolo de intervenção para pais em contexto ambulatorial.</i> | Gonçalves, 2017.       | Com base na ABA, a intervenção implementada por pais ou responsáveis tem demonstrado uma redução significativa no comportamento de agressividade, bem como a aquisição de atividades de autocuidado e autonomia devido ao ensino mais naturalista. E também uma oportunidade para a generalização da aprendizagem infantil nos ambientes. |
| As contribuições da análise                                                                         | Medeiros, 2021.        | Em primeiro lugar, nota-se a importância da                                                                                                                                                                                                                                                                                               |

|                                                                                                             |                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><i>comportamento (ABA) para a aprendizagem de pessoas com autismo: uma revisão da literatura.</i></p>    |                             | <p>estruturação das atividades e do ambiente para a implementação eficaz das técnicas de ABA e, em segundo lugar, compreende-se que o é essencial o conhecimento e experiência por parte dos terapeutas, uma vez que quanto mais experientes, mais facilmente irão conseguir os resultados propostos nas intervenções, usando o tom de voz apropriado ou a clareza nas instruções.</p> |
| <p><i>Autismo e família: participação dos pais no tratamento e desenvolvimento dos filhos autistas.</i></p> | <p>Pereira, 2011.</p>       | <p>Pais de autistas veem desde cedo alterações ou ausências de comportamentos em seus filhos que nenhum profissional enxergaria em poucos minutos de contato. A afetividade, dessa forma, é um importante fator que auxilia o processo de aprendizagem. E não há pessoas mais capacitadas para colocar em prática a afetividade do que os próprios pais.</p>                           |
| <p><i>A afetividade no processo de ensino e aprendizagem: diálogos em wallon e vygotsky.</i></p>            | <p>Santos et al., 2016.</p> | <p>A afetividade é um fator facilitador na interação entre quem ensina e quem aprende, e contribui para que o ambiente de treino e o processo de aprendizagem seja mais agradável.</p>                                                                                                                                                                                                 |

Tabela 2

*Conteúdo dos livros, cartilha e manual de treinamento da ABA*

| <b>Obra/ Autor/Ano</b>                                                                                                                                                             | <b>Capítulo</b>                                  | <b>Resultado</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <i>Compreender o comportamento, cultura e evolução</i> (Baum, 2006).                                                                                                               | Capítulo 6: Controle de estímulo e conhecimento. | Todo comportamento, induzido ou operante, ocorre em determinado contexto. O comportamento muda a medida que o contexto muda.                                                                                                                                                                      |
| <i>Ele é autista: como posso ajudar na intervenção? Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico-comportamental ao autismo</i> (Borba & Barros, 2018). | Capítulo 3: Fortalecimento do comportamento.     | O reforçamento positivo e negativo, aumenta a frequência do comportamento do indivíduo.                                                                                                                                                                                                           |
| <i>Estratégias da Análise do Comportamento Aplicada para pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo</i> (Duarte et al., 2018).                                                 | Capítulo 18: Orientação e treino de pais.        | A intervenção implementada pelos pais é considerada uma prática baseada em evidências.                                                                                                                                                                                                            |
| <i>Ensino de Habilidades Básicas para Pessoas com Autismo: manual para intervenção comportamental intensiva</i> (Gomes & Silveira, 2016).                                          | Capítulo 3: Como utilizar este manual.           | O currículo de ensino de habilidades básicas, é um instrumento composto por um conjunto de conteúdos que se deseja ensinar em um prazo específico; ele pode ser importante para auxiliar a nortear, organizar e administrar o ensino, quando se deseja ensinar muitas habilidades ao mesmo tempo. |
| <i>Ensino de Habilidades Básicas para Pessoas com Autismo: manual para intervenção comportamental intensiva</i> (Gomes & Silveira, 2016).                                          | Capítulo 6: Habilidades de imitação.             | A imitação é um requisito importante para a interação social e para a aprendizagem de novas habilidades.                                                                                                                                                                                          |
| <i>Ajude-nos a aprender: Um programa de treinamento ABA</i> (Lear, 2004).                                                                                                          | Capítulo 3: Reforçamento.                        | Reforçamento é um processo no qual um comportamento é fortalecido pela consequência imediata                                                                                                                                                                                                      |

|                                                                                              |                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                              |                                                                                       | que seguramente segue a sua ocorrência.                                                                                                                                                                                                                                   |
| <i>Princípios Básicos de Análise do Comportamento</i> (Moreira & Medeiros, 2019).            | Capítulo 6: Controle de estímulos: o papel do contexto.                               | Boa parte dos problemas que caracterizam o atraso no desenvolvimento de crianças diagnosticadas com autismo, por exemplo, pode ser minimizada com a utilização de procedimentos baseados nos conhecimentos acerca do controle de estímulos que antecedem o comportamento. |
| Desenvolvimento Humano (Papalia & Feldman, 2013).                                            | Capítulo 1: O estudo do desenvolvimento humano.                                       | O desenvolvimento humano possui três domínios: o físico, o cognitivo e o psicossocial e cada um desses aspectos afeta o outro.                                                                                                                                            |
| Desenvolvimento Humano (Papalia & Feldman, 2013).                                            | Capítulo 2: Teoria e Pesquisa.                                                        | O comportamento social é aprendido a partir da observação e da imitação de modelos.                                                                                                                                                                                       |
| Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista (Ribeiro & Sella, 2018). | Capítulo 7: Descobrendo as preferências da pessoa com Transtorno do Espectro Autista. | A importância de se descobrir as preferências das pessoas reside no fato de que o sucesso de intervenções com pessoas com TEA requer a utilização de reforçadores efetivos.                                                                                               |
| Sobre o Behaviorismo (Skinner, 1974).                                                        | Capítulo 12: A questão do controle.                                                   | O comportamento de uma pessoa é controlado mais por sua história genética e ambiental do que pela própria pessoa.                                                                                                                                                         |

## DISCUSSÃO

Ao correlacionar cada resultado encontrado nas leituras dessa revisão bibliográfica, foi possível constatar que para alcançar o objetivo proposto a essa temática é preciso entender que enquanto indivíduo, o desenvolvimento da criança

com TEA precisa ser visto em sua totalidade no que diz respeito ao físico, o cognitivo e o psicossocial e cada um desses aspectos se afetam entre si (Moreira & Medeiros, 2019).

Partindo desse princípio e entendendo que o Transtorno do Espectro Autista apresenta atrasos em cada uma dessas áreas, os estudos de Gomes e Silveira (2016) evidenciaram a importância de construir o chamado “Currículo de Ensino de Habilidades Básicas” para administrar a melhor maneira de reabilitar e estimular as habilidades necessárias a seu desenvolvimento.

Porém, quem realiza esse trabalho não são apenas os terapeutas qualificados, mas a família. Para a Análise do Comportamento Aplicada, a intervenção dos pais é fundamental e comprovada com evidências sua eficácia (Duarte et al., 2018). Para que eles participem ativamente e adequadamente da evolução enquanto co-terapeuta de seus filhos, precisarão ser capacitados, receberem instruções, ensaios de como fazer e feedback dos terapeutas para melhorar a qualidade das intervenções e do ambiente familiar vivenciado pela criança. (Correa et al., 2018; Cordeiro et al., 2018; Ferreira et al., 2016).

Outras ferramentas que os pais precisam aprender para saberem lidar com seus filhos e contribuir de maneira apropriada, é a cerca dos reforçadores. Borba e Barros (2018) e Ribeiro e Sella (2018), confirmaram em seus estudos, que o sucesso das intervenções está em utilizar aquilo que for de preferência da criança para lhe ensinar algo novo.

Segundo Papalia e Feldman (2013), os pais também devem aprender a controlar os estímulos que antecedem o comportamento da criança, pois os comportamentos inadequados e os atrasos no desenvolvimento também podem ser minimizados com essa estratégia, ressaltando a eficácia do ABC do Behaviorismo (Lear, 2004).

Além disso, o resultado no estudo de Gonçalves (2017) e Medeiros (2021), demonstraram a principal resposta a seguinte questão dessa pesquisa, levantada na introdução: Os pais de crianças autistas contribuem ao desenvolvimento de seus filhos? Se sim, como? De acordo com os autores e com base na ABA, a participação e o empenho dos responsáveis tem demonstrado uma redução significativa no comportamento inadequado da criança, fomentado habilidades de autocuidado e de autonomia devido ao ambiente ser adaptado a realidade desta e generalizado aos diversos contextos que ela se encontra com a família.



Outro fator cooperador da família no processo aprendizado do indivíduo com TEA é a afetividade. Segundo Pereira, 2011 e Santos et al., 2016, esse constructo permite a família a potencializar a modificação do comportamento e promover uma troca interativa que contribui para a qualidade no ensino de novas habilidades.

## **CONCLUSÃO**

Conforme evidenciado no presente estudo, a partir das revisões bibliográficas, a participação ativa dos pais de fato contribui para o desenvolvimento da criança com TEA em inúmeras áreas, principalmente a comportamental. Por isso, tal trabalho possui considerável importância teórica, por enaltecer contribuições práticas para o campo psicológico que excedem, através da família, os limites clínicos das sessões terapêuticas. Afinal, esta é a primeira instituição que a criança é inserida após o nascimento e passam a maior parte do tempo com ela. Desse modo, podem auxiliar de maneira direta no tratamento no ambiente doméstico e nos variados contextos em que vivencia, alcançando o tempo, frequência e intensidade necessárias para a eficácia da ABA, de maneira saudável e respeitosa ao tempo de criança.

Os pais se tornam, então, as figuras mais reforçadoras e capazes de promoverem o aprendizado de um novo comportamento a partir do vínculo afetivo que permeia esse laço. E, podem, com a devida orientação de terapeutas especialistas na ciência da Análise do Comportamento Aplicada, ser parte primordial em seu desenvolvimento.

Por outro lado, vale ressaltar as três limitações desse estudo, em relação a essa participação familiar. A primeira é o custo elevado do tratamento devido a grande quantidade de horas necessária para a sua eficácia, a segunda é a dificuldade de encontrar terapeutas devidamente qualificados e a terceira, é a dependência dos pais. Isso se dá devido a algumas dificuldades consequentes do transtorno e a fixação em suas referências e pode dificultar a generalização do aprendizado ao serem ensinadas por outras pessoas fora do seu contexto e ambiente familiar. Por isso, é tão necessário que não se olhe apenas ao vínculo familiar, ou a terapia ABA, ou aos terapeutas de maneira individualizada, mas a

ambos como ferramentas correlacionadas ao seu desenvolvimento, para que com o tempo haja maior autonomia nas atividades sociais.

## REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5* (5ª ed.). (M. Nascimento, Trad.) Porto Alegre, RS: Artmed.

Baum, W. M. (2006). *Compreender o behaviorismo: comportamento, cultura e evolução* (2a ed, M. T. A. Silva. et al. Trad., cap. 6, pp. 115-134). Artmed.

Borba, M. M. C.; Barros, R. S. (2018) Fortalecimento do comportamento. Em *Ele é autista: como posso ajudar na intervenção? Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico-comportamental ao autismo* (pp. 18-23). ABPMC.

Cordeiro, E. C. L.; Rocha, L. L. M. & Anadão, N. V. S. (2020). Análise do comportamento aplicada e sua importância no treinamento de pais de crianças com TEA. *Centro Universitário Tiradentes (UNIT)*.  
<http://openrit.grupotiradentes.com:8080/xmlui/handle/set/3254>

Correa, W; Minetto, M. F. & Crepaldi, M. A. (2018). Família como promotora do desenvolvimento de crianças que apresentam atrasos. *Pensando fam.*, 22 (1), 44-58.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2018000100005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000100005&lng=pt&tlng=pt)

Descrições Clínicas E Diretrizes Diagnósticas – Organização Mundial Da Saúde. (1993). *Classificação dos transtornos mentais e de comportamento: CID-10* (pp.114-122, D. Caetano, Trad.) Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Duarte, C. P., Silva, L. C., & Velloso, R. D. (2018). Orientação e treino de pais. Em *Estratégias da Análise do Comportamento Aplicada para pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo* (356-378). MEMNON Edições Científicas.

Gomes, C. G. S.; Silveira, A. D. (2016). Como utilizar este manual. Em *Ensino de Habilidades Básicas para Pessoas com Autismo: manual para intervenção comportamental intensiva* (pp.53-70). Editora Appris.

Gonçalves, P. C. (2017). *Transtorno do Espectro Autista: Protocolo de intervenção para pais em contexto ambulatorial* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas]. Sistema de Bibliotecas da UNICAMP. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2017.991335>

Lear, K. (2004). Reforçamento. Em *Ajude-nos a aprender: Um programa de treinamento ABA*. (2a ed, pp. 31-47, M. H. Windholz, Trad.). <http://www.autismo.psicologiaeciencia.com.br/wp-content/uploads/2012/07/Autismo-ajude-nos-a-aprender.pdf>

Medeiros, D. S. (2021). As contribuições da análise do comportamento (ABA) para a aprendizagem de pessoas com autismo: uma revisão da literatura. *Estudos IAT*, 6(1), 63-83. <http://estudiosiat.sec.ba.gov.br/index.php/estudiosiat/article/view/268>

Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2019). Controle de estímulos: o papel do controle. Em *Princípios Básicos de Análise do Comportamento* (pp. 92-121). Artmed.

Papalia, D. R.; Feldman, R. D. (2013). O desenvolvimento humano. Em *Desenvolvimento Humano* (12a ed., pp 34-83, C. F. P. Vercesi et al. Trad.). AMGH.

Pereira, C. C. V. (2011). Autismo e família: participação dos pais no tratamento e desenvolvimento dos filhos autistas. *Facene/Famene*, 9 (2), 8, <https://revista.facene.com.br/index.php/revistane/article/view/384/291>

Ribeiro, D. M.; Sella, A. C. (2018). Descobrimos as preferências da pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Em *Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista* (pp. 104-122). Appris.

Santos, A. O.; Junqueira, A. M. R.; SILVA, G. N. (2016). A afetividade no processo de ensino e aprendizagem: diálogos em wallon e vygotsky. *Perspectivas em Psicologia*, 20 (1), 101-113. <https://doi.org/10.14393/PPv20n1a2016-06>

Ferreira L. A., Silva A. J. M. & Barros R. S. (2016). Ensino de aplicação de tentativas discretas a cuidadores de crianças diagnosticadas com autismo. *Revista Perspectivas*, 07 (1), 101-113. <http://dx.doi.org/10.18761/pac.2015.034>